

## DOMINGO XVI DO TEMPO COMUM

### CIC 2571: a hospitalidade de Abraão

**2571** Tendo acreditado em Deus<sup>1</sup>, caminhando na sua presença e em aliança com Ele<sup>2</sup>, o patriarca está pronto para acolher na sua tenda o Hóspede misterioso: é a admirável hospitalidade de Mambré, prelúdio da Anunciação do verdadeiro Filho da promessa<sup>3</sup>. Desde então, tendo-lhe Deus confiado o seu desígnio, o coração de Abraão fica em sintonia com a compaixão do seu Senhor pelos homens e ousa interceder por eles com uma confiança audaciosa<sup>4</sup>.

### CIC 2241: acolher o estrangeiro

**2241** As nações mais abastadas devem acolher, tanto quanto possível, o *estrangeiro* em busca da segurança e dos recursos vitais que não consegue encontrar no seu país de origem. Os poderes públicos devem velar pelo respeito do direito natural que coloca o hóspede sob a protecção daqueles que o recebem. As autoridades políticas podem, em vista do bem comum de que têm a responsabilidade, subordinar o exercício do direito de imigração a diversas condições jurídicas, nomeadamente no respeitante aos deveres que os imigrantes contraem para com o país de adopção. O imigrado tem a obrigação de respeitar com reconhecimento o património material e espiritual do país que o acolheu, de obedecer às suas leis e de contribuir para o seu bem.

### CIC 2709-2719: a contemplação

**2709** O que é a contemplação? Responde Santa Teresa: «Outra coisa não é, a meu parecer, oração mental, senão tratar de amizade – estando muitas vezes tratando a sós – com Quem sabemos que nos ama»<sup>5</sup>.

A contemplação procura «Aquele que o meu coração ama» (Ct 1, 7)<sup>6</sup>, que é Jesus, e n'Ele o Pai. Ele é procurado, porque deseja-Lo é sempre o princípio do amor, e é procurado na fé pura, esta fé que nos faz nascer d'Ele e viver n'Ele. Nesta modalidade de oração pode, ainda, meditar-se; todavia, o olhar vai todo para o Senhor.

**2710** A escolha do *tempo e duração da contemplação* depende duma vontade determinada, reveladora dos segredos do coração. Não se faz contemplação

<sup>1</sup> Cf. Gn 15, 6.

<sup>2</sup> Cf. Gn 17, 1-2.

<sup>3</sup> Cf. Gn 18, 1-15; Lc 1, 26-38.

<sup>4</sup> Cf. Gn 18, 16-33.

<sup>5</sup> SANTA TERESA DE JESUS, *Libro de la vida*, 8: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 1 (Burgos 1915) p. 57 [Cf. SANTA TERESA DE JESUS, *Livro da vida*, 8: *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1994) p. 56].

<sup>6</sup> Cf. Ct 3, 1-4.

quando se tem tempo; ao invés, arranja-se tempo para estar com o Senhor, com a firme determinação de não Lho retirar durante o caminho, sejam quais forem as provações e a aridez do encontro. Não se pode meditar sempre; mas pode-se entrar sempre em contemplação, independentemente das condições de saúde, trabalho ou afectividade. O coração é o lugar da busca e do encontro, na pobreza e na fé.

**2711** A *entrada na contemplação* é análoga à da liturgia eucarística: «reunir» o coração, recolher todo o nosso ser sob a moção do Espírito Santo, habitar na casa do Senhor que nós somos, despertar a fé para entrar na presença d'Aquele que nos espera, fazer cair as nossas máscaras e voltar o nosso coração para o Senhor que nos ama, de modo a entregarmo-nos a Ele como uma oferenda a purificar e transformar.

**2712** A contemplação é a oração do filho de Deus, do pecador perdoado que consente em acolher o amor com que é amado e ao qual quer corresponder amando ainda mais<sup>7</sup>. Mas ele sabe que o seu amor de correspondência é o que o Espírito Santo derrama no seu coração, porque tudo é graça da parte de Deus. A contemplação é a entrega humilde e pobre à vontade amorosa do Pai, em união cada vez mais profunda com o seu Filho muito amado.

**2713** Assim, a contemplação é a expressão mais simples do mistério da oração. É um *dom*, uma graça; só pode ser acolhida na humildade e na pobreza. É uma relação de *aliança* estabelecida por Deus no fundo do nosso ser<sup>8</sup>. A contemplação é *comunhão*: nela, a Santíssima Trindade conforma o homem, imagem de Deus, «à sua semelhança».

**2714** A contemplação é, também, por excelência, o *tempo forte* da oração. Nela, o Pai enche-nos de força, pelo Espírito Santo, para que se fortaleça em nós o homem interior, Cristo habite nos nossos corações pela fé e nós sejamos radicados e alicerçados no amor<sup>9</sup>.

**2715** A contemplação é o *olhar* da fé, fixado em Jesus. «Eu olho para Ele e Ele olha para mim» – dizia, no tempo do seu santo Cura, um camponês d'Ars em oração diante do sacrário<sup>10</sup>. Esta atenção a Ele é renúncia ao «eu». O seu olhar purifica o coração. A luz do olhar de Jesus ilumina os olhos do nosso coração; ensinamos a ver tudo à luz da sua verdade e da sua compaixão para com todos os homens. A contemplação dirige também o seu olhar para os mistérios da vida de Cristo. E assim aprende «o conhecimento íntimo do Senhor» para mais O amar e seguir<sup>11</sup>.

**2716** A contemplação é *escuta* da Palavra de Deus. Longe de ser passiva, esta escuta é obediência da fé, acolhimento incondicional do servo e adesão amorosa do

<sup>7</sup> Cf. Lc 7, 36-50; 19, 1-10.

<sup>8</sup> Cf. Jr 31, 33.

<sup>9</sup> Cf. Ef 3, 16-17.

<sup>10</sup> Cf. F. TROCHU, *Le Curé d'Ars Saint Jean-Marie Vianney* (Lyon-Paris 1927) p. 223-224.

<sup>11</sup> Cf. SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Exercitia spiritualia*, 104: MHSI 100, 224.

filho. Participa do «sim» do Filho que se fez Servo e do «*faça-se*» da sua humilde serva.

**2717** A contemplação é *silêncio*, este «símbolo do mundo que há-de vir»<sup>12</sup> ou «linguagem calada do amor»<sup>13</sup>. Na contemplação, as palavras não são discursos mas acendalhas que alimentam o fogo do amor. É neste silêncio, insuportável ao homem «exterior», que o Pai nos diz o seu Verbo encarnado, sofredor, morto e ressuscitado e que o Espírito filial nos faz participar da oração de Jesus.

**2718** A contemplação é união à oração de Cristo na medida em que nos faz participar no seu mistério. O mistério de Cristo é celebrado pela Igreja na Eucaristia e o Espírito Santo faz-nos viver dele na contemplação, para que seja manifestado pela caridade em acto.

**2719** A contemplação é uma comunhão de amor, portadora de vida para a multidão, na medida em que é consentimento em permanecer na noite da fé. A noite pascal da ressurreição passa pela da agonia e do sepulcro. São estes três tempos fortes da «Hora» de Jesus, que o seu Espírito (e não a «carne», que é «fraca») nos faz viver na oração contemplativa. É preciso consentir em velar uma hora com Ele<sup>14</sup>.

#### **CIC 618, 1508: participar nos sofrimentos do corpo de Cristo**

**618** A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»<sup>15</sup>. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»<sup>16</sup>, «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»<sup>17</sup>. Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»<sup>18</sup> porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»<sup>19</sup>. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários<sup>20</sup>. Isto realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor<sup>21</sup>:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»<sup>22</sup>.

**1508** O Espírito Santo confere a alguns o carisma especial de poderem curar<sup>23</sup> para manifestar a força da graça do Ressuscitado. Todavia, nem as orações mais

<sup>12</sup> SANTO ISAAC DE NÍNIVE, *Tractatus mystici*, 66: ed. A. J. WENSINCK (Amsterdam 1923) p. 315; ed. P. BEDJAN (Parisiis-Lipsiae 1909) p. 470.

<sup>13</sup> SÃO JOÃO DA CRUZ, *Carta*, 6: *Biblioteca Mística carmelitana*, v. 13 (Burgos 1931) p. 262 [Cf. SÃO JOÃO DA CRUZ, *Carta Sexta: Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1986) p. 967].

<sup>14</sup> Cf. *Mt* 26, 40-41.

<sup>15</sup> Cf. *1 Tm* 2, 5.

<sup>16</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

<sup>17</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

<sup>18</sup> Cf. *Mt* 16, 24.

<sup>19</sup> Cf. *1 Pe* 2, 21.

<sup>20</sup> Cf. *Mc* 10, 39; *Jo* 21, 18-19; *Cl* 1, 24.

<sup>21</sup> Cf. *Lc* 2, 35.

<sup>22</sup> SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

<sup>23</sup> Cf. *1 Cor* 12, 9.28.30.

fervorosas obtêm sempre a cura de todas as doenças. Assim, São Paulo deve aprender do Senhor que «a minha graça te basta: pois na fraqueza é que a minha força actua plenamente» (2 Cor 12, 9), e que os sofrimentos a suportar podem ter como sentido que «eu complete na minha carne o que falta à paixão de Cristo, em benefício do seu corpo, que é a Igreja» (Cl 1, 24).

#### **CIC 568, 772: “a esperança da glória” na Igreja e nos seus sacramentos**

- 568** *A transfiguração de Cristo tem por fim fortalecer a fé dos Apóstolos em vista da paixão: a subida à «alta montanha» prepara a subida ao Calvário. Cristo, cabeça da Igreja, manifesta o que o seu Corpo contém e irradia nos sacramentos: «a esperança da Glória» (Cl 1, 27)<sup>24</sup>.*
- 772** É na Igreja que Cristo realiza e revela o seu próprio mistério, como a meta do desígnio de Deus: «recapitular tudo n’Ele» (Ef 1, 10). São Paulo chama «grande mistério» (Ef 5, 32) à união esponsal de Cristo e da Igreja. Porque está unida a Cristo como a seu esposo<sup>25</sup>, a própria Igreja, por seu turno, se torna mistério<sup>26</sup>. E é contemplando nela este mistério, que São Paulo exclama: «Cristo em vós – eis a esperança da glória!» (Cl 1, 27).

<sup>24</sup> Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 51, 3: CCL 138A, 298-299 (PL 54, 310).

<sup>25</sup> Cf. Ef 5, 25-27.

<sup>26</sup> Cf. Ef 3, 9-11.